



Trabalho 1565

ABORDAGEM DAS INFORMAÇÕES E ATITUDES DA POPULAÇÃO ATENDIDA NA ESTRATÉGIA DE SAÚDE DA FAMÍLIA COMO DISPOSITIVO PARA PREVENÇÃO DAS DST/HIV/AIDS E A PROMOÇÃO DA SAÚDE

Gláucia Alexandre Formozo^a

Tadeu Lessa da Costa^b

Fernando Rodrigues Ribeiro^c

Rithyenne Henriques Quadros da Rocha^d

Nicolle Silva dos Santos^e

Patrícia Santos Moura^f

A epidemia do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) e da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) consiste em importante preocupação para a saúde pública e, nesta perspectiva, se faz necessário o desenvolvimento de iniciativas que corroborem para a prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e do HIV/Aids. Assim, esta pesquisa objetiva identificar e analisar as informações e atitudes acerca das DST/HIV/Aids entre usuários da Estratégia de Saúde da Família (ESF) do município de Macaé-RJ. Trata-se de um estudo exploratório e descritivo com abordagem quanti-qualitativa. Os sujeitos foram usuários de três unidades da ESF do município de Macaé-RJ, maiores de 18 anos, tendo como cenários as referidas instituições. Cabe salientar que a pesquisa foi aprovada em Comitê de Ética em Pesquisa. Foram empregados formulários com questões abertas e fechadas e a análise dos dados deu-se por meio de estatística descritiva. Os dados encontram-se em processo de tabulação, tendo sido analisados 125 instrumentos. A maioria dos sujeitos era do sexo feminino e tinham parceiro fixo ou viviam com ele. No que diz respeito à religião, a maior parte dos sujeitos (43,74%) era evangélica, seguido de católicos (33,38%). A renda familiar dos sujeitos, majoritariamente, variou entre 1 e 2 salários mínimos. Considerando o nível de escolaridade, houve predominância de pessoas com ensino fundamental incompleto (26,4%) e ensino médio completo (28,8%), sendo um grupo heterogêneo quanto ao grau de instrução e modos de acesso e apropriação de informações sobre saúde. No que concerne ao conhecimento específico sobre DST/HIV/Aids, quando perguntados se já ouviram, alguma vez, falar sobre DST, a maioria respondeu que sim, o que pode sugerir o impacto do investimento nesta temática por parte do Estado, por meio de campanhas televisivas ou outros meios de informações em escolas ou serviços de saúde⁽¹⁻²⁾. As DST que os sujeitos relataram ter tomado conhecimento da existência foram: HIV/Aids (22,48%); sífilis (21,4%); gonorréia (19,02%); condiloma acuminado (9,22%); e cancro mole (7,49%), valores que podem ser considerados baixos. Observa-se, também, significativo desconhecimento sobre outras DST, como hepatites virais, herpes genital, tricomoníase, linfogranuloma venéreo, HTLV, HPV e donovanose. Assim, embora a maioria tenha relatado já ter ouvido falar alguma vez sobre DST, existe desconhecimento quanto às doenças transmitidas por via sexual. Isto, também, traz implicações para as práticas de proteção contra estes agravos⁽¹⁾. Em relação aos modos de prevenção das DST relatadas pelos sujeitos, predominou o uso da camisinha nas relações sexuais (48,39%). Este

^a Enfermeira. Doutora em Psicologia Social. Professora Assistente do Curso de Enfermagem e Obstetrícia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – Campus Macaé

^b Enfermeiro. Doutor em Psicologia Social. Professor Assistente do Curso de Enfermagem e Obstetrícia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – Campus Macaé.

^c Enfermeira da Prefeitura Municipal de Macaé. Preceptora do PET-Saúde da UFRJ-Campus Macaé.

^d Graduanda do Curso de Enfermagem e Obstetrícia da UFRJ – Campus Macaé. Bolsista PIBEX-UFRJ(Programa Institucional de Bolsas de Extensão da UFRJ). E-mail: rithyennehenriques@yahoo.com.br

^e Graduanda do Curso de Enfermagem e Obstetrícia da UFRJ – Campus Macaé. Bolsista PET-Saúde (Ministério da Saúde).

^f Graduanda do Curso de Enfermagem e Obstetrícia da UFRJ – Campus Macaé.



Trabalho 1565

achado pode ser considerado importante, pois, em comparação com estudos anteriores, em capitais do Brasil, o conhecimento do uso de preservativo como proteção contra DST é mais elevado, mesmo para a população com mais de 18 anos, que, geralmente, tem menor acesso a informações neste sentido que os adolescentes⁽¹⁾. Merece destaque, também, entre as respostas dos sujeitos a baixa frequência de referência a outros modos de prevenção das DST quando estas podem ser transmitidas de outras maneiras, além da via sexual. Em relação à principal fonte de acesso a informações sobre DST/HIV/Aids, os sujeitos apontaram a predominância da televisão (49,6%). Este aspecto traz como implicações as características próprias deste meio de comunicação de massa, pois contribuiu de modo significativo para o conhecimento da existência do HIV/Aids, porém, igualmente, para difusão de informações imprecisas sobre o fenômeno, favorecendo a construção de estereótipos dos grupos de risco⁽³⁾. Quando abordados sobre o que seria o HIV, as principais associações pelos sujeitos foram: DST (17,69%); mesmo que a aids (14,97%); uma doença que não tem cura; e apenas 6,12% referiram ser o vírus que causa a aids. Por sua vez, quando abordados sobre o que seria a aids, as principais associações pelos sujeitos foram: mesmo que HIV (14,94%); uma DST (12,34%); uma doença incurável (11,69%); vírus transmitido pelo sexo sem camisinha (6,49%); e vírus/doença que mata (5,84%). Estes achados reforçam os anteriores no que concerne às informações ainda vigentes de modo muito fragmentado, apesar de encontrar-se na terceira década de epidemia⁽⁴⁾. No que diz respeito às atitudes diante de pessoas com HIV/AIDS, os principais achados foram de que: 91,2% dos sujeitos referiram que não mudaria nada em relação a esta pessoa que vive com a doença. Porém, em contradição com tal resultado: 41,6% dos sujeitos apontaram que teriam receio em compartilhar os mesmos utensílios domésticos com pessoas infectadas pelo HIV; 64,8% afirmaram que não considerariam as pessoas com HIV/Aids como pessoas “normais como as outras”; e 40% referiram que não utilizaria os mesmos sanitários que estas pessoas. Deste modo, apesar de, em um primeiro momento, observar-se uma mudança na atitude diante das pessoas com HIV/Aids, ao serem abordados sobre elementos mais específicos das atividades de vida cotidiana, os sujeitos passaram a expressar atitudes, também, de dificuldades de convivência com aquelas. Além das atitudes diante das pessoas com HIV/Aids, a maior parte dos sujeitos referiu que não utiliza preservativo em nenhuma relação sexual (47,2%) e apenas 19,2% apontaram a utilização em todas as relações sexuais. Este aspecto, igualmente, reforça as discussões descritas, anteriormente, e indica a necessidade de realização de ações de difusão de informações e trocas de saberes que possam mediar a construção de práticas de proteção efetivas. Estes achados possibilitam o conhecimento do universo simbólico e de conhecimento das comunidades envolvidas sobre as DST/HIV/Aids, servindo de base para o planejamento de ações preventivas e de promoção da saúde mais ajustadas ao contexto e, portanto, com maior probabilidade de efetividade. Referências: 1-Doreto DT; Vieira EM. O conhecimento sobre doenças sexualmente transmissíveis entre adolescentes de baixa renda em Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro; 2007 23(10). 2-Martins LBM et al. Fatores associados ao uso de preservativo masculino e ao conhecimento sobre DST/AIDS em adolescentes de escolas públicas e privadas do Município de São Paulo, Brasil. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro; 2006 22(2). 3-Camargo BV. A televisão como vetor de difusão de informações sobre a AIDS. In: Coutinho MPL et al. Representações Sociais: abordagem interdisciplinar. João Pessoa: Editora Universitária; 2003. p. 130-153. 4-Bastos FI. Aids na terceira década. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; 2006. Descritores: Síndrome da Imunodeficiência Adquirida; Promoção da Saúde; Enfermagem. EIXO II: Interfaces da Enfermagem com práticas profissionais e populares de cuidado em saúde